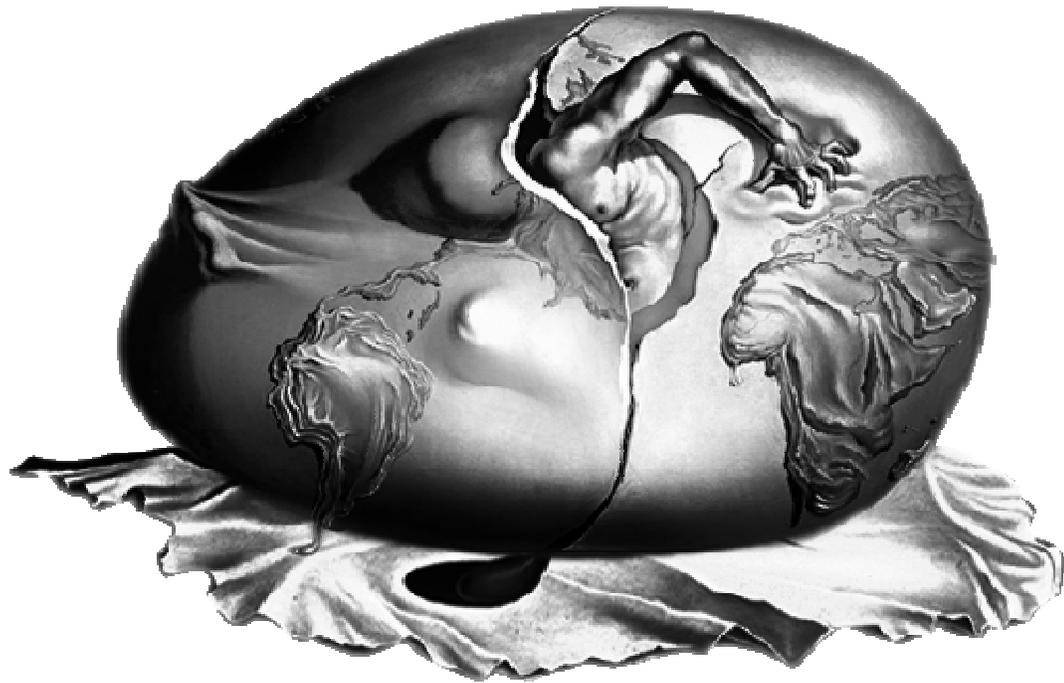


**BOLETIM** ***PRESENÇA***  
ANO II, nº 06, 1995



**UNIR**

# IDENTIDADE E DIFERENÇA

FABÍOLA LINS CALDAS \*

## Resumo

A Antropologia, desde seu início "colonial", onde prevalecia a visão do "colonizador espantado", tem despertado o humano pleno, sem as antigas deformações. Sem os parâmetros da "nossa sociedade", a dimensão cultural ganha cores inusitadas, formas as mais diversas, manifestações estranhas a nós, mas que se impõem inteiras e vivas. Sem o "homem primitivo", sem as "valorações" unilaterais, conquistamos o humano e suas várias faces.

**Palavras-Chave:** Colonizador, Dimensão e Sociedade.

## Abstract

The Anthropology, since your colonial " beginning ", where the " frightened " settler's vision prevailed, it has been waking up the full human, without the old deformations. Without the parameters of our society ", the cultural dimension wins unusual colors, forms the most several, strange manifestations to us, but that are imposed whole and alive. Without the " primitive " man, without the " unilateral valorações ", we conquered the human and your several faces.

**Key-Words:** Settler, Dimension and Society.

## 1. HOMEM/NATUREZA/SOCIEDADE

A Antropologia, desde seu início "colonial", onde prevalecia a visão do "colonizador espantado", tem despertado o humano pleno, sem as antigas deformações. Dessa maneira, podemos hoje ter uma visão de conjunto das várias manifestações culturais do homem, escapando do eurocentrismo deformador. Sem os parâmetros da "nossa sociedade", a dimensão cultural ganha cores inusitadas, formas as mais diversas, manifestações estranhas a nós, mas que se impõem inteiras e vivas. Sem o "homem primitivo", sem as "valorações" unilaterais, conquistamos o humano e suas várias faces.

A "vida" dos Pigmeus, a primeira vista, ou mesmo dos Esquimós, parece-nos "estranha", "primitiva", "outro universo e visão do mundo". Mas essa estranheza faz parte do arsenal teórico tanto do antropólogo quanto do historiador. É essa sensação de "outro mundo" que nos faz buscar as igualdades, o fundamento humano das sociedades e do homem. Afastando a "diferença" enquanto deformação socio-cultural, encontramos o homem simbolizando o universo, tornando-o significativo: não mais um "caos" natural, mas o humano domando e tornando cosmo tudo que o cerca, essencializando tudo como cultura viva.

Uma "sociedade caçadora", aparentemente tão distante da "nossa", comunga conosco a luta pela vida e a maneira sempre humana de recriar o que nos cerca. Os Esquimós, ao "criarem" o gelo, isto é, ao tornarem o gelo "coisa humana", manipulam a realidade com seu arsenal simbolizador, o trabalho recriando a natureza, tanto quanto qualquer sociedade industrial. Um iglú não é "gelo" da mesma maneira que a madeira e a palha dos Tupi não é nem "madeira" nem "palha", mas criações humanas, reformulações do existente com novo e inusitado sentido e significado.

A "determinação da natureza" é incompreensão dos fundamentos históricos e sociais que coordenam as ações e as sociedades humanas. Toda "ação natural", todo "existente natural" passa por uma malha socio-histórica que recria e refundamenta qualquer naturalidade para se tornar coisa-humana. Toda cultura é uma sobrenatureza que, no fundo, se auto determina. É a partir da estrutura histórica singular que uma sociedade pode ser compreendida, não a

partir da natureza que, na essência, só pode ser entendida a partir da sociedade e suas manifestações históricas. Cada cultura tem em si mesma as configurações que a explicam; cada momento histórico encontra em si a razão que o explica: cada cultura é um universo autônomo que se liga as outras apenas como vivência do humano.

## 2. PIGMEUS E ESQUIMÓS

Mantemos os velhos nomes do colonizador. Pigmeu é um nome que distingue do "branco europeu" outra cultura, outros homens, não o nome dado pela própria cultura a si mesmo. Em dicionário é "anão", "homem fraco", "homens macacos da floresta", "primitivos".

Compreender a singularidade de cada povo, de cada cultura, de cada momento histórico é uma das funções da consciência tanto do historiador quanto do antropólogo: viver a diferença como expressão da igualdade, porque a diferença é sempre para-nós: nós somos diferentes-para-eles, logo, a diferença nada diz.

Os Pigmeus não são um "retrato do nosso passado". É uma sociedade que teve o "seu" processo histórico, tão pleno e total quanto o "nosso". A comparação primitivo-complexo ou eles são o nosso antes, empobrece e deforma o estudo cultural de complexos singulares que apenas nessa singularidade ganham sentido. Uma visão unilinear ou evolutiva destrói toda singularidade e toda historicidade. Busca na diferença graus que embaçam a plenitude de cada sociedade particular. E sempre saímos ganhando. No caso dos Pigmeus eles são "baixinhos", "negros", vivem da caça e coleta, na terra; nós vivemos em grandes cidades iluminadas, com aviões, indústrias, temos supermercado: transformamos o aparente, o preconceito, o minúsculo em parâmetro de julgamento: perdemos a singularidade cultural de coisas incompatíveis.

Essa "vontade de poder" que nos consome é a expressão viva de uma sociedade mercantil que a tudo venaliza. Como ainda não "destruímos"

completamente a sociedade dos Pigmeus, os vemos como seres esquivos que recusam a nós, os "reis do mundo": recusam nossa cultura, preferem seu universo inteiro.

Já os Esquimós assumiram a integração destrutiva. Não mais o iglú, mas casas de madeira; não mais o contar mítico das fábulas junto ao fogo, mas a cartilha e o comércio; não mais o anzol de osso de foca, mas o arpão de aço. Para nós isso é "avanço", principalmente porque progresso para nós é nos aceitar como tutores, reformadores, é participar das maneiras de ser da nossa cultura. Enquanto os Pigmeus recusam o "progresso", os Esquimós aos poucos transformam-se em nós mesmos. Dessa maneira apagamos os rostos que nos davam sentido e diferença e da identidade de nós mesmos. Nós os transformamos em nós; empobrecemos o mundo numa só imagem, numa única maneira de viver e pensar. E não aceitamos nenhuma recusa: como um bárbaro, um primitivo, não deseja "evoluir" para chegar-até-onde-chegamos? Inaceitável.

Tanto a Antropologia quanto a História buscam diferença enquanto identidades vivas do homem. Qualquer processo que massifique a diferença dilacera as identidades do humano, tornando-o um nada.

Tanto os Esquimós, que aos poucos "entregam-se" integrando-se, quanto os Pigmeus, que apegam-se a si mesmos, mostram o quanto a questão é complexa. Primeiro, porque são culturas diferentes, exigindo cuidado na comparação. Segundo, porque são "sociedades em combate".

De qualquer maneira, o integrar do Esquimó, o não-integrar do Pigmeu e a não aceitação do professor juntamente com a "derrota" do aluno podem ser pensadas como um sistema, mesmo em perspectivas diferentes (tudo que é humano pode ser relacionado).

No caso Esquimó, além da questão sócio-cultural, impõe-se a "entrega" de individualidades a "outro modo de vida", que destrói sua identidade histórica, recusando "outro modo de ser"; no caso Pigmeu é o fechar-se numa tradicional identidade que torna-se resistência, orgulho, combate: a outra sociedade, aquela que sonha em transformar seus indivíduos em "trabalhadores/consumidores", não lhe oferece vida, significado, sentido. Ao Esquimó não

bastou sua sociedade e seus significados; ao Pigmeu basta sua vida e mitologia, delas se alimentando plenamente como homens.

## BIBLIOGRAFIA

- 1- COUSINEAU, Phil. **A Jornada do Herói**. São Paulo, Editora Saraiva, 1994.
- 2- GANDAMER, H.G.; VOGLER, P. **Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural**. São Paulo, Ed. EPU/EDUSP, 1977.
- 3- GODELIER, Maurice. **Horizontes da Antropologia**. Lisboa, Edições 70, s/d.
- 4- MAIR, Lucy. **Introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1972.
- 5- AZZAN Jr, Celso.. **Antropologia e Interpretação: explicação e compreensão nas antropologias de Lévi-Strauss e Geertz**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1993.
- 6- PELITO, Pertti J. **Iniciação ao Estudo da Antropologia**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.
- 7- LIENHAROT, Godfrey. **Antropologia Social**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.
- 8- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O Poder do Mito**. São Paulo, Editora Palas Athenas, 1990.
- 9- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: por uma teoria Interpretativa da Cultura. In: **A interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1989.
- 10-\_\_\_\_\_. O Impacto do Conceito de Cultura Sobre o Conceito de Homem In: **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1989.

---

\***Bacharel em História/ UNIR**

**membro do Centro do Imaginário social.**